

obriga o lazer a reinventá-lo¹⁹. Assim, para eles, se olhássemos para o lazer das diversas categorias de trabalhadores e as diferenças de classes sociais, observaríamos que elas vão alterar seu trabalho com as atividades que venham a reinventar sua parte humana, de forma livre, saciando o seu desejo de criar, logo, atividades semelhante a seu trabalho.

Assim é que o proletário ocupa o seu tempo livre, "produzindo em casa, orgulha-se de sua habilidade (...) organiza-se para o carnaval, para o futebol, repõe o controle que perdeu no trabalho através de instrumentos que têm a arte da produção do saber fazer". O burguês, "patrão", sempre se apropria: coleciona quadros, antigüidades, compra quadros, patrocina artistas, ou seja, toma para si a História do Mundo"; o pequeno – Burguês que, "sem se realizar quer como realizador (proletário), quer como apropriador (Burguês)", tende a cultuar o corpo, ou seja, "cuida de sua aparência, da sua estética, de sua postura, de uma aparência saudável e atlética"²⁰.

V – CONCLUSÃO

Pelo exposto, quero concluir dizendo que local de cultuar o corpo passará os valores e normas da classe dominante, que este mesmo lugar será freqüentado pela pequena-burguesia, que no momento de reorganização e reafirmação da burguesia no poder, val-se aproximar do proletariado, demonstrando a este classe social sua situação de exploração, submissão e dominação pela burguesia, criando dessa maneira as brechas que tanto procuramos para pregar a contra-ideologia.

VI – BIBLIOGRAFIA

- BRUHNS, Heloisa T. (org). *Conversando sobre o corpo*. 2^a ed., Papirus, Campinas, 1986.
- CAPINUSSU, José M. Da organização à administração de academia. *Sprint* Ano II – nº 5, p. 242. Rio de Janeiro, 1984.
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. *O que é Corporatária?* 2^a ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Vigilar e punir: história da violência nas prisões*. 4^a ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1986.
- GAIARSA, José A. *O que é corpo?* 2^a ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- LENHARO, Alcir. *A socialização da política*. Papirus, São Paulo, 1986
- LOURAL, René. *Análise Institucional*. 1^a ed. Vozes Petrópolis, 1975.
- LIBÂNEO, José Carlos. *A Democratização da escola pública: Pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 8^a ed. Layda, São Paulo, 1989.
- MEDINA, João Paulo S. *O Brasileiro e seu corpo*. 1^a ed. Papirus, Campinas, 1987.
- MOREIRA, Eduardo F. P. e RAGO, Lúiza M. *O que é Taylorismo?* 2^a ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- MOTRIVIVÊNCIA. ANO III – Nº. Aracaju, Janeiro de 1990.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. "Ginástica para a alma, música para o corpo". *Revista do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte*, Vol. 8, nº 1, p. 118 a 123. São Paulo, 1986.

UMA CRÍTICA FENOMENOLÓGICA AO POSITIVISMO *

Manuel Sérgio Vieira e Cunha **

A escola filosófica, que saúda em Edmundo Husserl (1859-1938) o seu progenitor, e conhecida pela denominação de *Fenomenologia*, pode entender-se como a mais forte e acirrada crítica já um dia dia desferida contra a visão positivista das ciências. Com uma certa medida e o necessário rigor, passo a expor as teses, que se me afiguram fundamentais, da *Fenomenologia*:

1. A Fenomenologia consiste, antes do mais, numa atitude intelectual de extrema atenção ao que se "manifesta" (*phainomenon*) à consciência do fenomenólogo.
2. O que é dado à consciência vale como um *objeto*, acerca do qual é lícito formular enunciados e pretender alcançar conhecimento.

¹⁹ Wanderley CODO, Wilson A. SENNE, *O que é Corporatária?* p. 37

²⁰ Idem, p. 40

* Comunicação apresentada nas Jornadas Internacionais de Medicina do Desporto-Clube de Futebol "Os Belenenses", em 30/11/90 – Portugal.

** Professor da Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa.

3. A Fenomenologia resume-se a uma atenção especial aos **fenômenos** (ou a **experiência vivida**), visando vê-los e entendê-los melhor, através de uma cuidada descrição. Não se propõe explicar nada, nomeadamente se explicar se refere a elementos que não se apresentam à consciência.
4. A Fenomenologia fundamenta as suas afirmações em **dados**. O que equivale a dizer que ela quer ser um procedimento predominantemente **intuitivo**, que aceita qualquer outro recurso na medida em que se alicerça na **intuição**.
5. A descrição fenomenológica é um esforço de clarividência que, através de uma rigorosa contemplação dos fenômenos, descobre nelas a **essência**, aquilo que caracteriza um fenômeno como tal: um animal como animal, um homem como homem, um vegetal como vegetal, etc.
6. Considera-se **essencial** no fenômeno o que nele não pode eliminar-se, sob pena de o fenômeno deixar de ser o que é. Estes elementos não elimináveis — chamemos-lhes assim — deverão relacionar-se, dialecticamente.
7. Os elementos **essenciais** são detectados, combinando-se a descrição minuciosa do que é **dado à consciência** com uma variação imaginária, que permita distinguir entre o **eliminável** e o **não eliminável**.
8. Se a Fenomenologia investiga o **dado à consciência**, ou seja, o fenômeno, a mesma escola filosófica também concebe a consciência como uma entidade que se refere sempre a qualquer coisa que a excede. Consciência é consciência de algo, intencionalidade (etimologicamente, **intendere**: dirigir-se a).
9. A **intencionalidade da consciência** (por outras palavras: a maneira como a consciência se dirige a algo) condiciona claramente a maneira como o objeto "se dá" à consciência, que o mesmo é dizer: ela é responsável do objeto como tal. Daí, os conceitos centrais no pensamento de Husserl, de **noesis** (o pensamento) e de **noema** (o pensado).
10. A atitude fenomenológica é uma experiência mais primária que a visão científica ou irreflexiva da realidade. Por isso, a fenomenologia só é possível, sob a condição de "sus-

pender", metódica e transitoriamente, a confiança irrestrita que o sujeito deposita no conhecimento científico e nas crenças do senso comum.

Baseados nas teses que acima se enumeram, os fenomenólogos (que, ao lê-los, sentimos o pulsar da sua sinceridade) levantam ao positivismo as críticas seguintes:

- a) Se é preciso compreender o "pensamento **predicativo**", a partir da "experiência **ante-predicativa**" (Husserl); se se torna imperioso retornar ao "mundo antes do conhecimento" (M. Merleau-Ponty) as ciências não constituem, de fato, as experiências mais originárias que o sujeito pode ter.
- b) Desqualificando as vivências pessoais, a experiência científica não é a experiência plena.
- c) As ciências empíricas ocupam-se de fatos e não de essências, e não vêm que não é possível analisar um fato, como facto.
- d) A **intuição** das essências constitui, não só um pressuposto constante para as ciências empíricas, mas também um requisito para que elas possam surgir historicamente.

O Positivismo considera o pensamento científico, único e unívoco, que as disciplinas indisputavelmente (como a Física) revelam e de que se aproximam as ciências do homem. Para o Positivismo, a Epistemologia, na análise do pensamento científico, não tem tanto de ocupar-se com a **psicologia** desse pensamento, mas com a sua **lógica**. Por outras palavras: não há de considerar tanto a conduta real dos pesquisadores, mas a determinação de **como** o pensamento científico **deve ser**.

Ora, porque toda experiência é, segundo Husserl (1), a experiência de uma consciência que lhe "dá sentido" ou a "constitui", a neutralidade, impessoalidade e objetividade das ciências não garantem uma verdadeira científicidade, pois que se põe de lado a subjetividade, nuclear na constituição daquele tipo de conhecimento. Louis Althusser expressou-se deste modo: "Que os indivíduos humanos, ou seja, sociais, são ativos na história (...) é um facto. Mas, considerados como **agentes**, os indivíduos humanos não são sujeitos **livres** e **constituintes**, no sentido filosófico desses termos. Eles atuam em e sob as determinações de formas sociais de produção e reprodução (...). Mas é preciso ir mais longe. Esses agentes não podem ser agentes, a não ser que sejam sujeitos(2).

A intrepidez em defesa do marxismo e a forma como exorcizava as demais correntes filosóficas

não nos permitiriam nunca invocar um Althusser fenomenologista, mas é importante verificar-se como este filósofo francês parece dar ao sujeito uma função que não se limitava ao "conjunto das relações sociais". A fenomenologia é nítida, a este propósito. De fato, em Husserl em alguns dos seus discípulos, como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, a tese da intencionalidade da consciência transforma-se na tese da relatividade do objeto, em relação à consciência, dado que é a consciência a dar sentido ao objeto. Em resumo e de acordo com a fenomenologia: o mundo constitui-se por sentidos ou significações, que dependem da consciência. Assim, a intencionalidade é a raiz última da forma como o objeto se dá à consciência.

De acordo com o positivismo, o conhecimento científico em nada mais consiste do que em enunciados sobre conjuntos ou sucessões de fatos, unidos entre si pelo vínculo relacional das leis. No entanto, a fenomenologia contrapõe que, para investigar um determinado tipo de fatos, imperioso se torna captar as *essências*⁽³⁾. Quando se fala em *essências*, logo escutamos, na boca de alguns cientistas, uma palavra imperativa de rejeição. Ora, nenhum cientista poderia investigar um fato, se não presumisse antes a sua essência, isto é, aquilo que caracteriza o fato como fato. Assim, podemos acrescentar, na esteira de Sartre, que é a existência das *essências* que torna compreensível a pesquisa dos fatos⁽⁴⁾.

A história das ciências manifesta, sem margem para dúvidas, que uma visão correta da essência dos objetos de uma área do conhecimento é que permitiu, em consonância com a mudança da paradigma (ou o corte epistemológico), a descoberta do método adequado. Um exemplo: se a Lógica e a Matemática procedem por demonstração e a Física por verificação de hipóteses, relativas a fenômenos onde a quantificação predomina, tal sucede porque não é a mesma a essência dos objetos na Matemática e na Física. Assim, podemos resumir, afirmando que a Fenomenologia determina a *essência da ciência*. Embora não se quede por aí.. porque a fenomenologia é, acima do mais, um discurso específico sobre o mundo!

* * *

"A Medicina tem a convicção de que os processos corporais podem calcular-se, de acordo com a mesma lógica que aplicamos para tentar compreender qualquer outro fenômeno natural. Não há nada de especial a separar os processos fisiológicos dos restantes processos físicos que observamos na Natureza(...). De onde surgiu este predomínio do analítico, esta idéia de que um corpo humano pode ser seccionado, com a metodologia que se emprega para o estudo dos fenômenos da Nature-

za!"(5). Jacob Bronowski, no seu célebre livro *A sense of the Future*⁽⁶⁾ declara que, antes de Descartes, o mundo europeu não possuía a convicção que os processos da Natureza estivessem intimamente relacionados com os números, com a matemática. Pitágoras, de fato, já anunciará antes que a Natureza é fundamentalmente matemática. "Mas a idéia de uma íntima relação entre os números e a Natureza não fora ainda interiorizada pela consciência de toda uma época"(7). Depois de Descartes, 1526-1650, já nos é possível escutar a um Newton, 1642-1717: "A matemática é a linguagem de Deus" e um Einstein, 1879-1955: "O mundo é, em última análise, intligível em termos de geometria"(8).

Mas será o "fenômeno humano" redutível à matemática? A vida é muito mais do que matemática e do que qualquer outra ciência. As ciências afinal são coisas, entre outras, de que nos servimos, para viver melhor. Sem esquecer-se o que a saúde deve às incessantes descobertas científicas e tecnológicas, bem expressas pela engenharia genética, pela biogenética, pela informática, por inúmeros aspectos da quimioterapia, etc.(9) — a complexidade é a primeira noção que nos ocorre, quando falamos do Homem. Ora, "a complexidade traduz-se sempre, para um observador, em incerteza. Ele já não se encontra diante de um objetivo determinado, submetido a leis simples e sobre o qual pode operar previsões precisas(...). Com efeito, tudo aquilo que constitui a riqueza e a complexidade de auto-organização traduz-se, para o nosso entendimento, em conceitos incertos, imprecisos, ambíguos(...) ou contraditórios"(10).

Dai que, hoje, pareça impossível pensar-se uma doença cujo mecanismo causal seja por nós inteiramente conhecido, incluindo mesmo doenças infecções. "De todas as frustrações sofridas, na procura da origem das enfermidades, nenhuma mais insólita do que a proveniente do que chamamos fator humano"(11). Na realidade, um doente tratado com ternura e desvelo, encontra-se mais perto da cura do que um outro, rodeado por secura e desinteresse. Em 1980, em Massachusetts (U.S.A.), uma equipe médica do Ministério da Educação, Saúde e Bem-Estar ensinou a praticar a técnica da meditação transcendental, a um grupo de pacientes, todos eles com alto nível de colesterol no sangue. Pois o colesterol diminuiu, na média de 20%. E o Doutor Larry Dossey, no seu livro *Space, Time and Medicine* (que venho citando, neste ensaio, após leitura na sua versão espanhola) que nos relata este e variadíssimos outros fatos comprovativos da importância para a saúde dos fatores psicológicos, intelectuais e espirituais. E o que não poderia acrescentar-se acerca do tratamento da depressão, da astenia sexual, da esquizofrenia e de outras psicoses? Não sou eu, modesto

- porque corpo humano é narrador, narrativa e texto para inúmeras leituras.

No entender do positivismo, a medicina é objetiva e, por consequência, previsível e controlável. A fenomenologia recorda-nos que é preciso pensar, também, a medicina a partir da própria experiência do indivíduo (sáo ou doente), usando um tal grau de compreensão que, por vezes, pareça inacessível a uma racionalidade calculadora, e técnica. A lógica específica do positivismo ressoa as suas origens aristotélicas e fundamenta-se, por isso, nas leis da identidade e da não contradição (11). A complexidade humana (corpo-alma-natureza-sociedade, com todos estes elementos em constante dialética, num jogo infinito de atrações, afinidades, combinações e repulsões) — a complexidade humana recorda que, na doença, não há só causas físico-químicas, fisiológicas e anatômicas. Há a vida, toda vida, incluindo a Natureza, a Sociedade e o apelo incessante (que do Homem emerge), em direcção à Transcendência... donde se divisa a felicidade, a suprema realização do ser. Aliás, a saúde sente-se e vive-se na capacidade de superar determinismos, de actualizar tudo o que em nós é potencialmente humano.

filósofo, a poder discorrer, com meridiana claridade, sobre estes assuntos. Pondo de lado aquele "heróismo de afirmar", de que nos fala o Eça da *Relíquia*, julgo não ser ousadia, no entanto, escrever que o positivismo da medicina tradicional, centrado unicamente na metodologia específica das ciências da natureza, é (para citar uma expressão de Verney) pura "arenga". E tudo isto:

- porque o corpo humano é máquina autopolítica e, como tal, com funções produtoras, reprodutoras e auto-reprodutoras;
- porque o corpo humano é complexo e, por isso, no seu estudo, combinam a certeza e a incerteza, a ordem e a desordem;
- porque a subjetividade do paciente é uma experiência mais originária do que todo o saber do médico ou do investigador;
- porque a ciência médica há-de ter em conta a **experiência plena das vivências pessoais**;
- porque o Homem é corpo-alma-natureza-sociedade, é biologia e metabiologia (que o mesmo é dizer: cultura, liberdade, espiritualidade);

Bibliografia

- (1) Husserl, E.: *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*, F.C.E., México, 1962.
- (2) Althusser, L.: *Posições I*, Graal, Rio de Janeiro, 1978, p. 67
- (3) Husserl, E. Op. cit., § 2 e 3
- (4) Sartre, J.P.: *A Imaginação*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1973, Introdução.
- (5) Dossey, Larry: *Tempo, Espacio y Medicina*, Kairós, Barcelona, 1986, p. 36.
- (6) Bronowski, Jacob: *A sense of the Future*, MIT Press, Cambridge, 1977, p. 42. Há tradução portuguesa deste livro, através da Editora da Universidade de Brasília.
- (7) Dossey, Larry: Op. cit., pp. 42-43
- (8) Reeves, Hubert: *Malicome — reflexões de um observador da Natureza*, Ciência Aberta, Gradiva, Lisboa, 1990, p. 25
- (9) Cfr, Valdés, Alberto García: *Historia de la Medicina*, Emalsa, Interamericana, División de McGraw-Hill, Madrid, 1987, pp. 307 ss.
- (10) Morin, Edgar: *Cléncia com Consciéncia*, Publicações Europa-América, Lisboa, s/d.. p. 223.
- (11) Op. cit., p. 102
- (12) Bunge, Mário: *La ciencia, su método y su filosofía*, Siglo Veinte. Buenos Aires, 1972, capítulos 5 e 9.